Col. J. AREZ

Estes dados são confirmados por escavações arqueológicas, cujas datações pelo carbono 14 situam o aparecimento da cerâmica na ilha de Timor há cerca de 4.500 anos, assim como em áreas limítrofes das Filipinas e da Indonésia.

Se os elementos fornecidos pela Arqueologia e pela História permitem determinar, com algum rigor, o quadro cronológico da difusão da cerâmica de Timor Loro Sa'e, a análise das fontes de matriz antropológica permite concluir que a ocorrência daquela actividade foi sempre muito desigual, quer em termos de localização espacial, quer no que respeita à sua tipologia formal e funcional, padrões de comercialização, transporte e utilização.

M.N.E., AF – 562

A cerâmica em Timor Loro Sa'e faz parte relevante das estruturas simbólicas do imaginário colectivo dos seus habitantes. Encontra-se ligada, para além de uma mera função utilitária e de uso quotidiano, a todo um complexo processo de utilização simbólica no domínio do sagrado e do mágico-religioso. A sua referência é frequente no legendário timorense, na toponímia e na etnonímia, nos contos e adivinhas. Está, ainda, intimamente ligada aos mitos de origem das comunidades, integrando-se na antroponímia mitológica da origem das linhagens, e aparece referenciada como elemento sacralizado, de contornos totémicos, nas narrativas dos itinerários sagrados e de origem de alguns clãs, constituindo uma prova segura da sua antiguidade no território.

Col. J. AREZ

Ficha Técnica

Produção
Museu do Centro Científico e Cultural de Macau

Coordenação Geral
Maria Alexandra da Costa Gomes

Comissário Científico
José Duarte Correia Arez

Comissariado Executivo
Enio José de Souza
Maria Manuela d'Oliveira Martins

Assessoria
Alexandra Dias Coelho
Maria José Gaivão de Tavares
Rui Abreu Dantas

Design
António Pedro
Carlos Ladeira

Fotografia
José Arez

Montagem
Construções Sampaio

Seguros
Companhia de Seguros Império

Transportes
RN Trans

Agradecimentos

Museu Nacional de Etnologia / Instituto Português de Museus
Museu Municipal Dr. Santos Rocha / Câmara Municipal da Figueira da Foz
Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa
Arquivo Histórico Ultramarino / Instituto de Investigação Científica e Tropical
Centro de Documentação e Informação / Instituto de Investigação Científica e Tropical

Patrocínios

Caixa Geral de Depósitos

Banco Espírito Santo

Apoios

LISBOA CULTURA Câmara Municipal de Lisboa

Turismo de Lisboa

TL 5380

CERÂMICAS DE TIMOR LORO SA'E

O Centro Científico e Cultural de Macau ao realizar a exposição Cerâmicas de Timor Loro Sa'e pretende homenagear o emergente País e Povo de Timor Loro Sa'e.

A exposição, concebida para mostrar e realçar as potencialidades da Cultura / culturas do Povo de Timor Loro Sa'e, reúne pela primeira vez em Portugal, em um único espaço museológico, a quase totalidade das espécies oláricas existentes nos acervos dos museus portugueses e núcleos de colecções particulares, provenientes dos mais importantes centros de produção cerâmica tradicional do território timorense.

Importa assinalar, neste contexto, a presença dos mais belos e significativos objectos de olaria que integram a magnífica colecção de Timor do Museu Nacional de Etnologia, do Instituto Português de Museus.

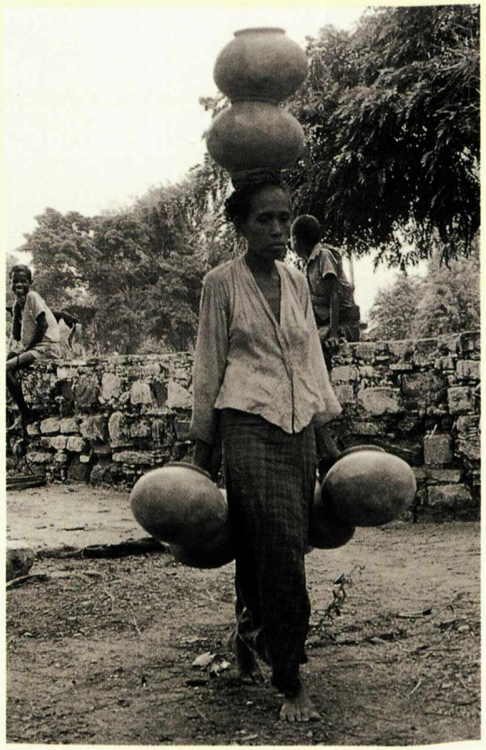
O mesmo cumpre dizer da colecção cedida pelo Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Câmara Municipal da Figueira da Foz. Núcleo colectado nos finais do século XIX, tem a particularidade notável de integrar exemplares únicos, de confirmada autenticidade e raridade, que lhe conferem inegável interesse etnográfico e museológico.

De salientar, igualmente, o contributo trazido a esta exposição pelos objectos provenientes do Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa, que permite e facilita uma leitura sistémica de todo o conjunto exposto, em perfeita simbiose com alguns dos mais raros e exclusivos exemplares da colecção particular em confronto.

A despeito da quantidade e diversidade tipológico-formal dos objectos exibidos, os itinerários propostos pela exposição Cerâmicas de Timor Loro Sa'e não esgotam as possíveis leituras museológicas, ainda que alicerçadas no estudo sistemático e quase exaustivo de cada uma das colecções presentes, na notória qualidade estética e valor cultural dos objectos que as integram. Do mesmo modo, um sólido enquadramento teórico e científico, que serviu de suporte a uma profunda pesquisa bibliográfica e a um consciencioso trabalho de investigação no terreno, que esteve na origem das imagens de campo que acompanham e redimensionam os objectos expostos, não autoriza a estruturação de um discurso holístico da realidade antropológica e da tecnologia cultural de Timor Loro Sa'e.

Para além de se procurar mostrar a um público muito vasto um amplo conjunto de objectos cerâmicos originários de Timor, pretende esta exposição significar os duradouros laços históricos que unem Portugal e Timor Loro Sa'e, sublinhando também a memória dos perenes contactos e estreitas relações estabelecidas, ao longo dos tempos, entre Macau e Timor, de que são vivo testemunho os documentos originais cedidos pelo Arquivo Histórico Ultramarino, do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

Deseja-se com esta exposição estimular o interesse e o orgulho das mulheres timorenses, de cujas mãos hábeis saiu cada um dos objectos expostos, e avivar a curiosidade e o entusiasmo dos jovens em cujas mãos está deposto o destino e a sobrevivência da tradição olárica de Timor Loro Sa'e.



Transporte para o Bazar Manatuto, 1970. Foto J. Arez

Pictograma antropomórfico feito com uma solução de manganés.

M.E.S.G.L. – AA – 077

M.N.E. – AC – 029

Das origens à actualidade

O aparecimento da tecnologia cerâmica na Ilha de Timor remonta a um período do Neolítico que se estende de 3.500 a 2.000 a. C., altura em que as populações históricas do arquipélago indonésio e áreas limítrofes se começaram a individualizar, na sequência de um múltiplo e lento processo migratório.

Uma primeira migração de povos, originária do continente asiático, atingiu a Melanésia, através da Insulíndia, cerca de 3.500 a 2.000 a. C., transportando consigo a técnica da olaria modelada a partir da sobreposição de anéis. Uma segunda vaga migratória, composta de povos austronésicos, de características europóides ou sub-mongolóides, originários do Sueste da China e da Formosa, estendeu-se pela Insulíndia a partir de 2.500 a. C.

A influência destes povos, difusores das línguas de estrato malaio-polinésico faladas em Timor Oriental, foi extremamente importante para a constituição dos elementos fundamentais da actual sociedade e cultura timorenses. Foram eles, muito provavelmente, os introdutores em Timor da técnica do batente e contra-batente no fabrico da olaria, que ainda hoje se pratica e é a mais divulgada em Timor Loro Sa'e.